

mente na intelligencia das visoões, & significações interiores) são varias, por q̃ o Senhor se digna de communicar seus secretos passados, presentes, ausentes, ou futuros, quando, como, & a quem he servido. Acerca das quaes, como tambem quanto às visoões não se offerece q̃ dizer de novo, se não, que se acuda logo aos sinaes communs, q̃ estão no tratado da discricão dos espiritos; samente direi, & advertirei, que as pessoas, q̃ tem estas cousas interiores, estejam muito sobre aviso pera lhe não darem credito facilmente, & hajãose com muita prudencia, em as não descobrir, se não a pessoas de muita doutrina, espirito, & ha de ser logo a consulta tanto que ha o successo, & guardese de não obrar cousa algũa por minima que seja, daquellas q̃ lhes hão sido reveladas, ou pera si, ou pera outras pessoas, sem que primeiro as consulte, & declarem a seus


mestres espirituas.

(!)

TRATA-

TRATADO XII.

Da Mystica Theologia.

I  INDA que Theologia my-
stica he altissima, & subida
ensinada por São Dionisio
Ariopagita, com hum mo-
do escuro, que causa reverencia, & res-
peito, a quem o lè, parece fora escusado
passalo em a lingua vulgar, com tudo,
considerando o estado desta nossa ida-
de, na qual andaó, & se lèm muitos li-
vros vulgares desta materia cõ termos
pouco intelligiveis, de que se segue naó
pequeno dano às pessoas espirituaes, &
considerando o proveito, que pode se-
guirse de escrever vulgarmente, & com
brevidade, & claresa das cousas, que ne-
sta parte são mui intrincadas, & escuras,
parece que serà serviço do Senhor tra-
tar os pontos da dita Theologia com
termos claros, & distinctos, declarando
a realidade das cousas, conforme a dou-
trina

trina commum dos Doutores particularmente Santo Thomas, & São Boaventura.

2 Duvida 1. Que cousa he mystica Theologia? Respondo, que a Theologia mystica he hũa altissima noticia, ou conhecimento experimental de Deos nosso Senhor, a qual se alcança por hũa certa união mei sublime da vontade cõ o mesmo Deos.

3 Duvida 2. Que he necessario pera vir em conhecimento desta definição *S. Boav.* da Theologia mystica? Respondo que se hão de advertir as cousas seguintes, (São Boaventura *de lum. Eccl. serm. 2.* poem o sentido desta definição, ao qual seguem os Authores mais modernos) quando hum homem està em graça de Deos entre os bens espirituales, que possui he hũa qualidade, ou habito excellentissimo, chamado sabedoria, que he dom do Espirito Santo, & està no entendimento. E quando Deos nosso Senhor he servido concorre com especial auxilio, & admiravel luz, illustrando o en-

Escola de Oração.

tendimento com aquelle habito da sabedoria, concorrendo com aquelle auxilio divino, donde se produz hum nobillissimo acto, que chamão contemplação: o qual não he conhecimento divino ordinario, se não extraordinario, & tão efficaz, que vem a terminar se, & acabar em o affecto, causando incendio muy grande do amor divino na vontade. Esta doutrina he conforme a de Santo Thomas 1. part. *quest. 43. art. 5.* Donde tratando da missão universal do Filho de Deos pera húa alma, diz: q̄ aquella missão não se faz com qualquer perfeição do entendimento, se não quando se communica tal conhecimento, ou noticia ao entendimento, que rompe em hum estremado affecto de amor. E a este preposito allega o Doutor Angelico a S. Agostinho *lib. 4. de etern.* aonde diz, *Filius mittitur, cum à quo quam cognoscitur, atque percipitur*, como se dislera: o Filho de Deos he mandado à alma, quando essa alma o conhece com hum recebimento, ou gosto experimental; &

por isso ajunta Santo Thomas: *Perceptio autem experimentalis quaedam notitiam significat, & haec proprie dicitur sapientia, quasi sapida scientia*, como se dissera, a presepeção, significa húa certa noticia experimental, a qual propriamente se chama sabedoria, q̄ he o mesmo que dizer: Sciencia saborosa. S. Boaventura *Iten. 3. eter. dist. 2.* declara esta doutrina com as palavras seguintes: *Actus sapientiae est contemplari Deum, non quomodocumque, sed ex dilectione cum quadam experimentalis suavitate in affectu*, que vem a dizer, o acto da sabedoria he contemplar a Deos não de qualquer maneira, se não de sorte que a contemplação naça da charidade com húa certa suavidade experimental de Deos nosso Senhor no affecto, ou vontade. A vontade pois com esta noticia da bondade, fermosura, sabedoria, & outras divinas perfeições se inflama com hum modo seraphico, & a virtude da charidade, que está na mesma vontade produz húa acto de amor ardentissimo,

Escola de Oração.

& se levanta maravilhosamente sobre o entendimento pella mayor elevação, q̄ a charidade lhe communica por ser mayor da que lhe dà a fee, & alem da que participa o entendimento pello dom da sabedoria. Por quanto entre as virtudes theologaes, a charidade he a virtude mayor, como o disse o Apóstolo 1. *Corinth.* 13. Todas as virtudes theologaes (principalmente a charidade) são mais altas, & excellentes, que os dons do Espírito Santo, conforme Santo Thomas 1.2. *quest.* 68. *art.* 8. Donde se infere o que dissemos, que a vontade nesta vida se sobe mais junto a Deos, que não o entendimento, pella alteza que lhe dà a nobilissima virtude da charidade, q̄ está nella, & he mayor que a virtude da Fè, & o dom da sabedoria communicão ao entendimento, aonde estão estes habitos, o qual por ser doutrina certa, não ha pera q̄ deternos a provalo com rezoões especulativas. Depois disto, passando mais a diante Deos nosso Senhor atrahê, & eleva a si a vontade com húa inefavel

favel doçura, & estando nesta eleuação abraça, une, ou pera melhor significalo dà regalado osculo à vontade, com hum celestial amor, & divinos deleites, & finalmente despois daquella união, & divino gosto forma o entendimento húa noticia mais clara de Deos N. Senhor, & muito mais sublime, que aquella que d'antes tinha, por mui levantada q̄ fosse. Estes são os principaes pontos, que se hão de advertir pera intelligencia da mystica Theologia.

4. Davida 3. *Quil* destas cousas afsima referidas he a Theologia Mystica, se he o dom habitual da sabedoria, que està no entendimento, ou o acto da contemplação, que nasce daquelle habito com o especial auxilio Divino, que precede aos actos da vontade; ou se he acto de amor, que com aquella noticia da cõtemplação nasce do habito da charidade, q̄ està na vontade, ou serà aquelle gosto de Deos, que se segue quando a vontade està sublimada com o especial favor divino àquella união altissima cõ Deos

Escola de Oração.

nosso Senhor, ou finalmente se he aquella contemplação mais clara, & admiravel, q̄ se segue depois daquella união, & suavidade de Deos nosso Senhor?

Respondo, que entre estas cinco cousas a quarta, que he aquelle gosto, ou experiencia de Deos nosso Senhor, que he hum acto da vontade mais levantada q̄ o entendimento, este he o proprio, & principal acto da mystica Theologia. O 2. acto he aquella noticia, ou mais clara contemplação que se segue depois do gosto, ou experiencia de Deos, com a qual o entendimento he maravilhosamente illustrado. Tambem se custuma contar entre os actos da Theologia mystica o acto da divina contemplação, q̄ precede àquelle gosto de Deos, o qual, parece que he provavel, por ser como he acto do dom da sabedoria, a qual he habito da mystica Theologia, como escrevem alguns Authores. Acerca desta resposta se ha de advertir, que a parte propria, & certa da Theologia mystica, da qual fallão os Authores com certissimos

simos fundamentos, & estremadas ex-
geraçõs, assentão, que entre as outras
partes he a primaria aquelle gosto, ex-
periencia, ou percepção de Deos, a qual
(como fica dito) he a vontade elevada,
& divinamente atrahida do mesmo
Deos: Resta agora, que respondamos a
algũas difficuldades acerca da doutrina
sobredita.

5 Duvida 4. Theologia quer dizer sci-
encia de Deos, pois como pòde chamar-
se Theologia aquelle acto de gostar de
Deos, que não he sciencia, nem acto de
sciencia, pois não he noticia, ou conhe-
cimento, se não gosto, ou experiencia
de Deos? Respondo, que he verdade,
que não noticia: mas assi como o homẽ
uza da vista pera todos os actos dos sen-
tidos, de tal maneira que quando hum
homem come manjar saboroso custuma
dizer: não vi cousa mais saborosa; assi
nos actos interiores, o nome de sciência,
ou noticia, que he a vista interior se uza
pera qualquer percepção, & como sen-
sação interior, & neste sentido dizemos

Escola de Oração.

que aquella precepção, & gosto de Deos he Theologia, & ajuntase aquelle nome mystica, isto he secreta pera significar isto mesmo.

6 Duvida 5. Se a vntade em esta Theologia ama a Deos mais do que o entendimento entende? Respondo, que si, o que he conforme à doutrina de S. Thomas 1. 2. *quest. 27 art. 2* & acontece isto mesmo em muitas outras cousas, v. g. ama hum homem a pintura, ou a poesia, & ama mais do que a entende, & por esta rezão doutrinavel fica claro todo o assima em que dissemos, que a vontade aonde està o amor se eleva, & sublima mais que o entendimento, unindo esse amor ao mesmo Deos. Daqui pode o leytor entender, como a vontade he elevada a hũa sublimissima alteza, à qual não chega o entendimento, & posta a vontade em aquelle alto estado, obra hũa apertada uniaõ, da qual nasce aquelle osculo, ou experiencia de Deos nosso Senhor, que por varios nomes se procura declarar, por ser inefavel.

7 Dúvida 6. Como se verifica o que havemos dito, que despois daquella experiencia, ou gosto de Deos, produz o entendimento hum acto de noticia, ou contemplação mais clara do mesmo Senhor; o qual era aquelle acto de contemplação, que precedia ao dito gosto? Respondo que he verdade, & experiencia certa ainda pera aquelles, que não tem conhecimento das cousas divinas, como estão mostrando as quotidianas experiencias; succede muitas vezes, que hum homem em sua vida não ha gostado mel, & mais cre que he doce, pello q̄ lhe dizem; & gostando despois o mel pella experiencia do gosto forma mais claro conceito, daquelle, que tinha d'antes com a relação de sua doçura. Isto mesmo acontece aos que contemplão as divinas perfeições antes de gostalas, & despois que as gostão consideraõ a differença admiravel que vay entre gostar, ou haver gostado, da qual ficaõ estas almas mui arrebatadas, & suspensas em Deos, & advirtase, que esta noticia

Escola de Oração.

por mui elevada que seja não chega à claridade, & perfeição da gloria, mas he só como hum principio da felicidade eterna.

8 Duvida 7. Porque se atribue a vontade àquelle divino gosto? Respondo, que he por ser húa especie de fruição, ou gozo de Deos das mais altas, & sublimes que ha nesta vida, & conforme a doutrina commua dos Theologos com Santo Thomas 1.2. *quest* 11. *art.* 1. Dizem que a fruição he acto da vontade.

9 Duvida 8. Em que parte, ou porção da rezão está aquella precepção, ou gosto de Deos, & aquella contemplação, q̄ precede ao gosto, & finalmente aquella outra contemplação, que se segue depois do dito gosto? Respondo, q̄ aquelles tres actos estão na parte superior da rezão. Isto he do entendimento, & da vontade; desorte, que aquelles dous actos de contemplação estão na parte, ou porção superior do entendimento, & o gosto de Deos está na parte, ou porção superior da vontade, que corresponde àquella

àquella superior parte do entendimento, na qual parte do entendimento está também o dom da sabedoria. Mas ha-se de advertir, que aquelle gosto, ou percepção mystica de Deos, à vontade se levanta mais que o entendimento conforme a doutrina dita assima num. 6.

10 Duvida 9. Que cousa he porção, ou parte superior, & qual a inferior da rezão? Respondo conforme S. Thomas 1. *part. quest. 79. art. 9.* que o mesmo entendimento em quanto contempla as cousas divinas, & eternas, & as olha, & considera pera ordenar conforme ellas suas acções, se chama rezão superior. E em quanto considera as cousas creadas, & as dispoë por rezoës de cousas creadas, neste caso se chama rezão inferior, & o mesmo significação estes nomes. Porção, ou parte superior da rezão, que rezão superior, & parte, ou porção inferior da rezão, que he rezão inferior, & conforme a porção desta divisaõ se costuma fazer outra semelhante na vontade, em quanto segue a luz da porção superior,

Escola de Oração.

perior, ou inferior do entendimento. Advirtase, que toda a parte sensitiva do homem se costuma chamar rezão inferior em quanto pôde obedecer ao imperio do entendimento, & vontade. Tambem se advirta, que entre as pessoas espirituales cõmummente por parte inferior do homem se entende a parte sensitiva, & por espirito do homem he entendida a parte intellectiva: & por isso dizemos cõmummente: tal homẽ tem este, ou aquelle espirito, quer dizer, procede quanto ao entendimento, & por conseguinte, quanto à vontade; desta, ou daquella maneira. Com esta doutrina fica mais claro, o que se respondeo á duvida precedente, em que dizemos, que a mystica Theologia està em a parte superior do entendimento, & da vontade, pois não he outra cousa esta Theologia, se não hum gosto, & alta noticia da divindade, como assima dizemos, & que o entendimento se chama rezão superior em quanto contempla, ou conhece as cousas divinas, & eternas.

II Duvida 10. Se são verdadeiras aquellas distincões, que alguns Theologos mysticos ordenarão de duas potencias, hũa chamada intelligencia, cõ outros muitos nomes, a qual, dizê alguns, que he mais alta que o entendimento, & outra mais alta que a vontade, a que chamaõ altura do entendimento: *Apice mentis*, com outros varios nomes?

Respondo com a doutrina commua dos Theologos, & particularmente de Santo Thomas, que dizem não são aquellas distincões verdadeiras, & que em realidade certa, não ha potencias mais altas que o entendimento, & a vontade; nem he necessario imaginar outras cousas mais altas pera todo o que he divino, & passa nas almas, & se le nos Authores antigos, & modernos, mas digo, q̃ aquellas distincões, & multiplicação de nomes (que de proposito não declaro) hão feito pouco fruto, conforme meu juizo, antes hão sido causa de grande confusão, & hão feito, que as cousas divinas, q̃ serião mais intelligiveis, se tratasem cõ poucos

poucos termos, & esses claros sem esta-
rem inventando termos incognitos, &
pouco conformes à Theologia Escola-
stica, & por esta causa se hão embaraça-
do, como o confessaõ Theologos mui si-
gnalados nas letras, & no espirito mui le-
vantados.

12 Duvida 11. Perguntasse se he ver-
dade o que alguns Escritores dizem da
mystica Theologia, & vem a ser, que a
vontade pode amar, sem que o entendi-
mento entenda de tal sorte, que a von-
tade exclua todo o acto do entendimẽ-
to? Respondo, q̃ naõ: com Santo Agos-
tinho *lib. 10. de Etern.* alegado por San-
to Thomas *1. 2. quest. 27. art. 2.* E sobre
este ponto naõ he necessario escrever
outra cousa, se naõ ter a doutrina mais
solida, & fundada em toda a verdade, q̃
diz, que o objecto da vontade, he o bem
conhecido, & que sem objecto naõ ha
amor.

13 Duvida 12. Se he verdade o q̃ sig-
nificãõ muitos nomes, de que os Theo-
logos mysticos uzãõ, porque as poten-

cias do entendimento, & da vontade fi-
ção como atonitas em receber as cousas
divinas, ou em estar naquella mystica u-
niãõ com Deos nosso Senhor, como que
não fação, ou produzão algum acto se
não somente se hajão passivamente, re-
cebendo o influxo da divina luz, & sua-
ves gostos, que o Senhor lhe communi-
ca? Respondo, que muitas destas cousas
se haõ de interpretar piadosamente por
ser lingoagem dos que amão ao Senhor,
como dizer, que a alma morre pera vi-
ver em Deos; & que não vive em si, se
não, que no Senhor se transforma, & q̃
não obra cousa algũa, se não que rece-
beo em si a operação de Deos nosso Se-
nhor, & outros modos semelhantes à-
quelle de São Paulo: Eu já não vivo, se
não vive em mim Christo. Desorte que
estes modos de fallar se haõ de enten-
der, & interpretar benignamente, mas
quanto à realidade, a verdade he, que o
entendimento, & vótade obraõ, naquel-
las mais altas, & secretissimas unioes cõ
hum modõ tranquillissimo, & suavissi-
mo,

mo, o qual bastará pera o presente lugar.

14. Duvida 13. Se convem ler os livros da Theologia mystica, que tem aquella variedade de nomes inventados, & definições pouco conformes à Theologia Escolastica? Respondo, que regularmente fallando não convem ler esses livros, mas poderá ser util a algum bom Theologos leos, que souberse discernir a doutrina solida, & deixando as cousas improprias, & pouco moções tomando algúas cousas boas, que lhe servissem pera mayor luz, & amor de Deos, & pera instruir aos proximos.

TRATADO XIII.

Da discrição dos espiritos.

DVAS cousas significa o nome de espirito, he de saber, o que expira, ou inspira, ou move, como Deos nosso Senhor, o Anjo, o demonio, & o proprio
espiri-

espirito, ou alma do homem, & a impressãõ, que o homem recebe daquelles espiritos he semelhante ao vento, que he significado com nome de espirito, & move ao homem espiritalmẽte, da forte que o vento move, corporalmente.

2 Suponhamos neste lugar a commum doutrina dos Theologos, principalmente de Santo Thomas *1. part. quest. 3.* diz o Santo, que só Deos pòde mover a vòtade do interior della, mas o Anjo, ou o demonio, samente pode movela da parte de fóra do exterior; & fazemno, porq̃ lhe propoem cousas aptas pera persuadila, ou movendolhe as paixoens pera indinarlha, & isto de tal maneira, q̃ sempre fica a vontade livre, pera consentir, ou não.

3 Suponhamos tambem que os Anjos podem alumiar o entendimento humano, o que fazem não mostrando ao homem immediatamente seu côceito, como o communica hum Anjo a outro Anjo, se não pondolhe diante alguns exteriores sinacs, ou interiores, como são

Escola de Oração.

phantasmas na imaginativa, & assi mesmo o demonio o pode fazer propondo os ditos sinaes pera molestar, & enganar ao homem, & assi o demonio como o Anjo podem obrar na imaginativa como movendo as phantasmas, & representando diversas cousas com engano dos sentidos, ou sem elle; mas não pòde imprimir especie, que não haja entrado pellos sentidos, como diz Santo Thomas 1. *part. quest. 111. art. 3. ad 2.* Podem tambem mover o appetite sensitivo, alterando os humores, pera despertar as paixões. Podem finalmente mover os sentidos exteriores, perturbando o orgão da potencia, pera q̃ as especies sensitivas pareçam o que não são, ou tambem representandoas exteriormente em varias formas

4 Tambem se ha de supor, q̃ em qualquer espirito se hão de notar duas cousas. A 1. he algũa verdadeira luz, ou aparente, causada no entendimento ao menos indirectamente, q̃ se chama instincto. A 2. he algum movimento da vontade,

vontade, que vem a ser algum affecto, como de gosto, de amor, de odio, &c. & ambas estas são erradas, & trazem em si muitos erros por illusão do espirito maligno, & por propria imaginação.

5 Acerca da differença dos espiritos se ha de fazer hũa divisaõ, & por a hũa parte a inspiraçaõ, ou instincto de Deos, ou do Santo Anjo, & a outra parte, á instigação do demonio, & da outra parte a mençaõ do espirito humano, porque ainda que ha differença em muitas cousas entre a monçaõ divina, & a do Anjo: mas sempre convem ambas em ser boas, & não he danoso o não saber, & ignorar qual daquelles dous espiritos seja Divino, ou Angelico, porque o effeito sempre he bom. Ao contrario a monçaõ do espirito do homẽ nem sempre faz mal, como quando hũa pessoa se move com natural alegria, & lhe parece, q̃ he nascida do espirito de Deos, ali ha erro material, mas nem sempre por aquella causa se seguem maos effeitos.

6 Supostos estes principios se pergun-

Escola de Oração.

ta, fallando universalmente, qual he o espirito mais seguro? Respondo, que aquella espirito parece mais seguro, que move a vontade, sem que preceda com o modo ordinario obra da imaginação, ou do entendimento. O que acontece quando não precede algũa causa, ou objecto, que seja poderoso a mover a vontade com o modo ordinario, & com tudo isso se sente a vontade movida pera Deos. E advirtase, que não dizemos, q̃ a vontade se mova sem obra do entendimento, mas dizemos bem, que se move, sem que preceda obra do entendimento com o modo ordinario. O q̃ pode ser illustrando o Senhor esse entêdimento no mesmo ponto, que move a vôtade desde o interior della. Esta doutrina he conforme ao que assima dissemos, & he commum sentença de Santo Thomas, & outros Theologos, que todos affirmão, que só Deos pôde mover a vôtade do interior della. He tambem conforme a doutrina do mesmo Santo *1 part. quest. 111. art. 2.* ensina, que só Deos

Deos pòde mover a vontade, fazendo, q̃ preceda apreheſão efficaz, propondo à vontade algum bem, como apeticivel, ou digno de ſer deſejado, porque o mover efficazmente ainda da maneira ordinaria, he ſó de Deos N. Senhor. Mas o Anjo, ou outro algum eſpirito não podem mais, que perſuadir.

7 De mais diſto conforme a opinião provavel daquelles Theologos, que ſentem que neſta vida pòde o entendimẽto com auxilio eſpecial divino entender algũa vez, ſem que ſe converta ou tome as phantaſmas, que he o meſmo, que dizer: que podem entender ſem q̃ a imaginação concorra obrando pera iſſo; por boa rezão ſe moſtra, que as inſpiraçoẽs, vizoẽs, revelaçoẽs, fallas, & outras quaesquer impreſſoẽs puramente intellectuaes, ſão das meſmas figuras: pois que não fomenta o demonio, mas nem ainda o Anjo bom pode obrar no entendimento humano, ſe não indirectamente pella imaginativa. E aſſi ſão impreſſoẽs, ou paixoẽs divinas puramente intellectuaes,

Escola de Oração.

tuaes, sem obra da imaginação, como provavelmente mostram as pessoas espirituaes. Segue-se pois, que aquellas são das mais seguras, & livres de enganos do espirito maligno, & do proprio espirito, & em toda a boa opinião, quanto menos intervem de imaginario, tanto ha menos de perigo, conforme a doutrina assima allegada acerca do que pôde fazer o espirito maligno.

8 Perguntase, se ha algúas regras commuas conforme a doutrina dos Theologos, pera conhecer, & decernir universalmente os espiritos, ora sejam monções d'alma, ou visões, ou revelações?

Respondo, que si, porque conforme a doutrina commua se ha de advertir, & olhar, que effeitos fazem, se movem a alma a mayor pureza, humildade, &c. ha-se de attentar a verdade quando se ouvem locuções, que he o mesmo q' palavras, & se formão conceitos. Hão se muito de examinar, que tenham conformidade cõ a Escritura Sagrada, & doutrina dos Santos. Veja-se com cuidado se

se a pessoa, que tem estas causas está disposta, como deve espirital, & corporalmente: v. g. que não seja soberba, & se he melencolica, ou vehemente em amar, & nas outras paixões, & particularmête se he curiosa em imaginar cousas vâas, se he descomposta, ou sem modestia, & outras cousas semelhantes, entre as quaes não custuma estar juntamente o Espirito Divino.

Acerca das cousas reveladas se ha de notar, que sejam de si boas, ou dignas de Deos, não inuteis, ou indecentes, ou curiosas, ou cousas que sem revelações se podem saber, & finalmente desproporcionadas à magestade, sabedoria, & bondade divina, & a pessoa que as recebe, & ao tempo, & lugar, & outras circunstancias de decencia, & conveniencia. Se considerados estes pontos se acha verdade conforme a Sagrada Escritura, & Santos; bons effectos de piedade, & maior perfeição, & santa vida na pessoa, q̄ tem estas visitas interiores, piedosa, & prudentemente se poderà julgar, q̄ he

Escola de Oração.

espírito de Deos, & ao contrario se algũa cousa falta do assima dito pode se crer que seja espirito do demonio, ou propria imaginação.

9 Acerca do effeito, que faz a imaginação se pergunta que effeitos faz aquella que he de Deos ao principio quando chega, & ao fim quando se vay? Respõdo, que ao principio quando chega costuma causar temor, & turbação, a qual procede da novidade, & grandeza das cousas, & tambem da disposição do sujeito, quando não està acostumado a taes inspiraçoẽs, mas no fim vem atermnar se em bonissimos, & estremados affectos de santidade; alegrando, enternecedo, affervorizando, aluminando, &c. a instingação do demonio he ao contrario, que ao principio mostra apparencia de bem, & depois vem a parar em mal, mas notese, que aos espirituales, que tem já o animo purgado, ainda aos principios a divina inspiração costuma vir có suavidade, & sem espanto, & assi mesmo alguns, q̃ cometem peccados enormes,

mes, costumados a communicarem com o demonio vem à tal termo, que o che- gão a ver sem medo quando lhe appare- ce em figuras horriveis.

10 Perguntase, se aquellas pessoas por- quem passão estas cousas interiores sen- tem, & advertem a differença, q̄ ha en- tre o bom, & mau espirito? Respondo, que si quando já são acostumadas a re- ceber aquellas merces, como se le de S. Monica: (Santo Agostinho *lib. 6. conf. cap. 13.*) mas nem por isso se haõ de fiar de seu proprio parecer, se não commu- nicar com pessoas doutas, & espirituas todo o que passa no interior de sua al- ma.

11 Perguntase, se estas inspiraçoës, ou favores são breves? Respondo, que si, como tambem a contemplação o he cõ- forme o commum sentir dos Santos.

12 Perguntase: se costumão acontecer muitas vezes estas inspiraçoës, & favo- res? Respondo, q̄ si a algũs servos de Deos ainda q̄ a frequencia das inspiraçoës he mayor, que a das visoës, revelaçoës, ou

locuções interiores.

13 Perguntase: se ha alguns mais particulares sinais pera discernir, & conhecer, qual he o Espirito de Deos, qual o maligno, & qual o natural? Respondo, que os Santos, & Escriitores espirituaes tem advertido muitas cousas entre as quaes são mui dignas de ponderação os sinais, que a Santa Madre Theresa de Iesus advirtio. O 1. he o imperio, & senhorio do Senhor quando falla a alma, porque falla, & juntamente obra seu dizer he fazer, ponhamos por exemplo, ou por hũa palavra, como he (não temas) tira a turbação, & fica a alma em suavissima quietação, & paz interior, ainda que a turbação fosse muito grande. Este final pareceo à Santa Madre dos mais verdadeiros. O 2. he a paz, & quietação com o recolhimento interior, juntando a devoção, & facilidade, com que a alma fica pera dar ao Senhor infinitas graças por tão altos beneficios. O 3. he que quando o Senhor falla não se esquece a alma daquellas palavras por muito

muito tempo, & de algũas jã mais se esquece. O 4. final he a certeza infalivel, que fica impressã n'alma, de que ha de ser aquillo, que o Senhor lhe disse, ainda que se ponhaõ diante varias difficuldades. Fõra destes sinaes notou tambẽ a Santa Madre Theresa de Iesus alguns outros, que acontecem no modo, com q' o Senhor falla a alma com algũa visãõ intellectual muito no intimo da mesma alma com hum grande secreto, & silencio, que parece naõ pode o demonio chegar a alcançar.

O 1. destes sinaes he a claridade com que a alma falla de Deos, que he taõ admiravel, que he mayor, q' as outras claridades, & a firmeza, com que a alma se une, & ata àquellas palavras, notando o estillo, & as palavras, juntamente as syllabas. O 2. final he que ordinariamente naõ precede pensamento algum daquellas cousas, & as divinas palavras formadas de repente respondem a qualquer pensamento, que entãõ passa pella alma com grande velocidade, & ligeiriza,

Escola de Oração.

za, ou algum outro pensamento, q̄ antes teve. O 3. he que estas palavras recebas a alma como quem as ouve lá no mais intimo della: Mas as da imaginação são como quem vai compondo aquillo mesmo que quer que lhe digaõ pouco a pouco. O 4. final he que com hũa palavra daquellas divinas nasce na alma hũa grande luz; o que não succede assi quando he obra propria, ou do demonio. O 5. final he, que juntamente com aquellas divinas palavras se manifestão à alma cousas mais altas, que aquillo que as palavras significão. Estes sinais sobreditos, ainda que a S. Madre os notou quanto às fallas interiores, & divinas locuções, tambem servem pera averiguar, & discernir as visões, revelações, & juntamente das inspirações divinas, & fabelas discernir, & apartar das q̄ forma o espirito maligno na propria imaginação, & por esta rezão se haõ de notar, & unir com os sinais communs, q̄ ficão postos assima, conforme a cõmun sentença dos Doutores.

14 Perguntase, se he espirito verdadeiro o de alguns, que dizem q̄ estão sempre em actual uniaõ com Deos? Respõdo, q̄ he cousa mui difficultosa de crer, & pouco conforme à doutrina dos Santos, Santo Agostinho *lib. 10. conf. c. 45. S. Gregorio 5. moral. cap. 23.* São Bernardo, &c. os quaes confessão, que estar a alma levantada, & unida com Deos he cousa breve porque logo a alma descahe daqualla alteza do pensamento com o pezo do corpo, & por isso he cousa sospeitosa esta uniaõ actual tão larga, & perseverante, como alguns dizem: Mas nem por isso he sospeitosa a uniaõ actual de muitas horas, ou de algum dia, quando concorrem os outros sinaes sobreditos; mas advirtase, q̄ he diferente cousa uniaõ actual de achar sempre a alma que se recolhe, & retira ao Senhor dentro de si. Este modo 2. he mais certo, que o tenham algúas almas de excellente santidade, & isto acertos tempos, mas este modo he mui diferente do primeiro, como o seria poder fallar

Escola de Oração.

ao Papa cada vez que eu quizesse, ou estar continuamente em actual conversação com elle.

15 Perguntase, se he espirito bõ aquele que todo o tempo passa em regalos espirituaes? Respondo, que regularmente fallando parece cousa fõsperitosa, quando os regalos sãõ continuos, por tempo consideravel; principalmente em pessoas, que nunca padecẽrãõ desconsolações, & espirituaes trabalhos, & por tanto he muito de advertir se as delicias espirituaes estãõ em pessoas provadas cõ mortificações, & tribulações precedentes, & se servem pera adiantarse mais nas virtudes, humildade, paciencia, &c. que entãõ he mais provavel, que o espirito he bom, ainda que as delicias espirituaes durem por muito tempo. Tambem se ha de advertir, se vãõ misturados com esses gozos algũas dores, & afflições alternativamente, que entãõ he verifimel, que he espirito de Deos, salva sempre a commum doutrina dos sinais assima referidos, & principalmen-

este dos effeitos. Isto he pera que sirvaõ
no exercicio das virtudes, & pera o a-
proveitamento espirital. Desta doutri-
na se segue, que quando hũa alma passa
muitos dias com hũa sorte de suspenção
de si mesma, & própria abnegação, &
lhe parece, que està sempre absorta em
aquellas delicias espirituas sem outro
algum fruto, he cousa sospeitosa, & ar-
riscada, & se deve despertar, & aplicar à
meditação dos pontos das virtudes, à
imitação dos Santos, pera que não ve-
nha a ser como hũa cousa boba, & sem
movimento intellectual, & sem provei-
to pera as boas obras.

16 Perguntase, se he bó espirito, quan-
do hũa pessoa diz: q̃ no trato com Deos
não obra com o entendimento, nem cõ
a vontade, se não que recebe na essencia
d'alma a operaçãõ divina, ou hum ilap-
so divino, deixando, que o Senhor fõ
obre, & faça, & aniquilandose aysi mes-
ma esta alma, pera não empedir a obra
do Senhor? Respondo, que este espiri-
to não he bom, porque he conforme a
hũa

hũa doutrina condenada por todos os
infignes Theologos: a saber que a bema-
venturança, fruição, & gozar de Deos
consiste naquelle ilapso: (Ainda q̄ traz
configo graves inconvenientes o telo
por certo) & detrimêto de muitos me-
recimentos de graça, & de gloria, & tira
o estudo, & exercicio das verdadeiras,
& solidas virtudes com engano de hu-
mildade aparente.

17 Perguntase, se he bõ espirito, quan-
do hũa alma he favorecida, & regalada,
a seu parecer, com doês extraordinarios
de visões, & correspondencias amoro-
sas, como com coroas de rosas, aneis, ou
celebrar desposorios? Respondo que es-
tas cousas por extraordinarias, & q̄ ain-
da em pessoas de altissima contempla-
ção, são códenadas, & não as crem gran-
des Theologos, & pessoas mui espiri-
tuaes, se não despois de larga prova, &
madura experiencia, ou despois da mor-
te celebrada com provas de santidade,
& ainda com milagtes, regularmête não
parecê aquellas cousas espirito de Deos,

princi-

principalmente quando as pessoas, que tem estas cousas, são novatas no serviço de Deos, & não tem trabalhado, nem hão padecido graves trabalhos có hũa larga mortificação; & exercicios de muitos annos de humildade, & outras muitas virtudes. Com esta doutrina se responde àquellas pessoas, que dizem, que tem as chagas de Christo; a isto se não ha de dar credito, se não com muita maduresa de juizo, & dilatada experiêcia da humildade, paciencia, & mortificação do tal fogeito, como fica dito: Principalmente como a experiencia, q̃ ha dos enganos, que hão succedido nesta nossa idade, alem da rezão, porque aquellas chagas se podem fingir por arte humana, ou diabolica, ou descubertamente, de tal sorte, que aquelle q̃ as recebe saiba, que he obra do demonio, ou dissimulada, ou encubertamête, de maneira, que nem ainda aquelle mesmo, q̃ as recebe saiba, que he demonio, se não imagina que aquillo he obra de Deos, & elle he hum refinado engano.

Escola de Oração.

18 Perguntase, se he espirito bõ, quando húa alma se ha muito mortificado em largo tempo; & passado muitos annos de penitencia, chorado muitas lagrimas, & ao despois se segue húa grande paz acompanhada de estremados regalos, & estremadas caricias do Senhor? Respondo, que esta maneira de espirito he mais provavel que seja de Deos. Mas ha-se de advertir, que pôde intervir engano do demonio, se aquellas caricias são pouco espirituas: he de saber são demasiado sensiveis, & pouco decentes, como muitas vezes succede; & por isso ninguem se ha de fiar da penitência passada, se não estar sempre com temor, & tremor, pedindo ao Senhor não permita seja enganado do espirito maligno.

19 Perguntase, se he bõ espirito quando húa pessoa he facil em raptos, ou extasis? Respondo, que aqui ha sospeita de engano, porque esta facilidade costuma nascer do natural vehemente, q̄ em dando lugar ao affecto se inflamma excessivamente, & sahe fóra de si pella vehemen-

hemencia. Pòde também nascer de operação diabolica, formada na imaginação, & no apetite sensitivo, ou nos sentidos exteriores, & não he mui verisimel, nem se pòde ter por certo, que o espirito de Deos cause tantos arrobamentos, quando não são necessarios pera a fantidade de quem os padece, nem menos pera o aproveitamento dos proximos. E por esta causa se ha de aconselhar às pessoas que tem espirito vehemente, q̄ quando se sentem inflamar fação força por se devirtirem principalmente em lugares publicos.

20 Perguntase, se he bõ espirito, quando hũa daquellas pessoas, q̄ tem visoões, ou revelações, algũa vez foi colhida em engano, ou erro? Respondo, que se he pessoa de vida santa, & as revelações ordinarias são boas, & verdadeiras, com a provabilidade que pòde ser nesta vida, conforme os sinaes assima ditos, não se deve condenar universalmente como pessoa enganada do demonio, porq̄ em algum caso particular haja concorrido

engano. Verdade he que este caso obriga a andar com mayor aviso, & circunspecção entre todos os de mais. Esta doutrina he conforme à de São Gregorio *Hum. 1. in Ezech.* diz q̃ os Santos Prophetas pello uzo de prophetisar dizem algũas cousas do espirito proprio, imaginando, que falla o espirito de Deos, donde vem, que algũas vezes errão sem que por isso nas outras revelações sejaõ enganados. He tambem esta doutrina conforme à de S. Thomas 2. 2. *quest. 171. art. 5.* donde diz, que ainda que os Prophetas saibão certissimamente, que he do Espirito de Deos aquillo que entendem por diversas revelações, digo expressas, não he assi quando fomentem diversos instinctos, que todos nem sempre sabem bem decernir, se são de Deos, ou do proprio espirito: do que se segue a doutrina dada na soluçãõ da duvida.

21 Perguntase, se he bó espirito aquelle, que quando as pessoas se sentem mover interiormente de repente desfalecem,

cem, & cahem como mortas? Respon-
do, que se não pôde fazer argumento
concluente de bom, ou mau espirito,
porque na Sagrada Escritura achamos
não somente grandes turbações, se não
tambem desmayos, & cahidas em terra
quando apparecião visoões Angelicas, &
assi mesmo os endemoninhados se tur-
bão, & cahem quando são arrebatados
do espirito maligno. Com tudo isso es-
tes desmayos, & cahidas quando são cõ
descomposição, ou falta de modestia, &
com gestos desordenados parecẽ mais,
que são effeitos de mau espirito, ou de
algũa paixão vehemente. E dado q̃ não
sejão descompostas, se não simples cahi-
das, ou como desmayos he mui prova-
vel que seja effeito da fraqueza da cabe-
ça, & que a natureza se rende ao effeito,
& vehemencia desordenada. Estas pes-
soas se costumão curar com absterse al-
gum tempo da oração, comendo, & dor-
mindo bem.

22 Perguntase, se as paixões podem fa-
zer, que hum homem venha a ser como

Escola de Oração.

extatico, ou arrobado, ou como alheyo do juizo? Respondo que si, porq̃ crescem tanto às vezes as paixões, que empedem o uzo da rezão, como os Theologos ensinão. Desorte, que pella excessiva alegria, ou tristesa, as pessoas apaixonadas sahem muitas vezes fóra de si mesmas. Donde se segue, que podendo o demonio alterar o apetite sensitivo donde estaõ as paixões, juntamente cõ isto turbar a imaginação, & os sentidos exteriores, muitas vezes parecerà, que hum homem està fóra de si com algum raptio divino, & poderà ser operação do demonio, ou excessõ de paixão natural vehemente.

23 Perguntase, se he espirito bõ, quando hũa pessoa diz que muitas vezes lhe revela o Senhor, o estado interior dos proximos? Respondo, que regularmente fallando, este espirito he de sospeita, salvo, quando este espirito he despois de larga experiencia, & muitos annos de vida santa, & despois de hum diligentissimo exame, & despois, que esse
espi-

espirito for aprovado por pessoas de grande fantidade, & doutrina, & se acha, que aquella noticia do estado dos proximos não he infructuosa, se não q̄ serve pera faude dos proximos; uzando de muito aviso, & prudencia nesta materia; & com isto se responde àquelles, q̄ tem revelações, & ouvem, que se lhe diz interiormente, que digaõ a seus proximos diversas cousas, estes taes, q̄ advertem, tem necessidade de exame, & prudencia sobredita, & não hão de crer facilmente, que seja bom espirito aquelle, q̄ os move a fazerem semelhantes embai-xadas.

24 Perguntase, se he bõ espirito, quando hũa pessoa diz que conhece o estado futuro dos proximos, & sabe, se haõ de ser perseguidos, enfermos, ricos, levantados, ou subidos a dignidades Ecclesiasticas, ou seculares, &c? Respon-do, que, regularmente estas visões são illusoões do espirito maligno; porq̄ alem da muita experiencia, que temos destas mentiras, & enganõs, fazem grande da-

Escola de Oração.

no às almas dos proximos, porq̃ as trazem suspensas, & enlaçadas, principalmente em materia de grandesa, porque andão sempre em hũas continuas e esperanças; & he este engano tão pegajoso, q̃ alguns destes ainda estando pera morrer não ha persuadilos a que creyão, q̃ morrem, porque imaginão, que não hão de morrer até ver o effeito daquellas illusões. Além de que não he cousa decente à Divina Magestade, & a sua imensa sabedoria revelar taes cousas, sem fruto algum: porque, dado, que fosse verdade que aquellas havião de ser, nenhum homem prudente deve governarse por semelhantes prophecias, principalmente se se considerão as pessoas de santidade não tão aprovada, que costumão ter estas cousas, & reparese as occasiões em que as dizem, porque sempre se descobre hum não sei que de sospeita.

25 Perguntase, se he bó espirito quando hũa pessoa he molestada com visões diabolicas? Respondo, que se a vida he
santa,

santa, & as aparições dos demonios não fazem mais, que afligir, & apresentar as batalhas, nas quaes o paciente não he vencido, pia, & provavelmente se pòde julgar, que aquella pessoa vai guiada por bom espirito, pois prevalece contra o mau, como se le de muitos Santos, que passarão muitos trabalhos com semelhantes aparições.

26 Perguntase, se he bõ espirito quando o paciente he molestado com actos indecentes ordinarios, & resiste sentindo tocamentos, ou cousas semelhantes, como de outra pessoa, que a ella se chega? Respondo, que parece cousa sospeitosa, ainda que a seu parecer resista pella impuridade, q̃ se custuma pegar: porèm isto requiere hum exame mui diligente das circumstancias, as quaes podê ser taes, que piedosamente se possa crer que a tal pessoa vai guiada pello Espirito de Deos, aquella aflicção he hum exercicio, que corresponde a hũa grande fortaleza, & rara virtude.

27 Perguntase, se he bõ espirito, quan-

Escola de Oração.

do as aparições são em forma de Christo Senhor nosso; ou de algum Santo, ou Santa, & se seguem já não com tocamentos deshonestos, mas mui amorosos? Respondo, que estes actos amorosos pedem mui grande exame, & quanto tem de sensível, tanto té de sospeitosos por seré pouco conformes à pureza de Christo Senhor nosso; mas quando a pessoa he de vida, & virtude mocica, & succedem, com hũa maneira espiritual, & certos modos entre Christo, & alma, semelhantes aos que nós podemos imaginar entre dous Anjos, quando conversão, & se tocão (a nosso modo de entender) por aqui se pòde julgar por semelhantes actos de Christo Senhor nosso com S. Getrudes, em hum modo espiritualissimo.

28 Perguntase, se pòde o demonio apparecer exterior, & interiormente em a figura, ou imagem, que verdadeiramente custuma apparecer Christo Senhor N?

Respondo, que si, & por esta causa, o q̄ tem semelhantes aparições não se ha de
arrojar

arrojar logo a adorar aquella imagem, mas se algũa vez com boa fee a adora, não he necessario tomar por isso muita pena, pois esse erro não he formal, nem ainda material voluntario. Advirtase, q̃ não samente o demonio, mas ainda a propria imaginação custuma formar a mesma imagem, como quando aparece Christo Senhor nosso: o que obriga a q̃ se và com muita circunspecção nesta materia.

29 Perguntase, se he bõ espirito, quando húa pessoa acustumada a ter revelações, tem por certo, que cada húa dellas he de Deos, & não se rende a crer a pessoas graves, & grandes Theologos, que lhe dizem o contrario? Respondo, que este espirito não he bom, se não se justifica com algũa outra eficaz rezaõ, como seria dizer: quando sente húa impressãõ fortíssima na parte superior d'alma, a qual custuma imprimir o Senhor a pessoas santas, com húa segurança do que ha de ser, & disto lhe parece não pòde duvidar. E em caso, que se sinta esta impressãõ

Escola de Oração.

pressaõ obedeça com tudo isso às pessoas que a governão puntualmente, como o fazia a Santa Madre Theresã de Iesus, quando por mandado de seu confessor deu figas a Christo Senhor nosso, que lhe apparecia, ainda que interiormente sentia a certeza de que era Christo S. nosso: & antepunha o mandato de seu confessor a todas as revelações, por seguras, & certas, que lhe parecêsem. Em este caso não se deve condenar por espirito mau aquelle que guiasse a hũa tal alma, que com a excellente santidade, & larga communicação com Deos N. Senhor recebe algũa vez taes favores, & se esforça quanto pôde a obedecer a seus superiores, estimando muito ser privada daquella seguridade interior, que sente só por crer o que lhe dizem. Porém estes favores, & merces não são proporcionados às pessoas, que principião o caminho da virtude, & vida espiritual; nem ainda a pessoas, que não estejão mui aproveitadas, & com muitos annos de oração, mortificação, & obediencia,

diencia, & humildade mui provada, & aprovada.

30 Perguntase, se he bõ espirito quando hum homem sonha cousas futuras, & por vir, as quaes ve ao despois, que succedem assi como as ha sonhado? Respondo, que regularmente fallando he esta materia sospeitosa, & de duvida, porque como ensina Santo Thomas 2. 2. *quest. 172. art. 5.* podem os demonios revelar muitas cousas aos homens, que os mesmos demonios naturalmente sabem: por ser cousa de natureza, & entendimento superior, & prudentemente se ere, que os q̄ tem taes sonhos, dos quaes não tirão nenhum fruto espiritual, nem pera si, nem pera seus proximos, mais do que ficarem só com aquelle modo de adivinhações inuteis, estes taes he certo que não são governados pello Espirito Divino, se não pello maligno, o qual por sua intelligencia, & experiencia diz muitas cousas verdadeiras antes que succedão, mas he com intento de enganar, destruir, & fazer mal.

Escola de Oração.

31 Perguntase, se he bom espirito o de alguns, que fazem oração quando lhe succede alguns negoceos, & despois se poem advirtir, & a considerar o impulso, que sentirão na oração, & crem, que aquelle impulso que sentirão he movimento de Deos nosso Senhor? Respondo, que estes espiritos estão expostos a muitos erros, & illusões diabolicas, & proprias imaginações, principalmente quando estas pessoas entraõ na oração com desejo de alcançarem algũa cousa particular, & determinada. Porque nestes a mesma imaginação figura as cousas conforme o affecto, & o demonio coopera pera aquelle engano, & sentimento. Não he contra esta doutrina o sentimento, ou impulso, que algũas pessoas de virtude conhecida sêtem na oração, sem terem inclinação precedete, se não orando com indiferença, & resignação na vontade do Senhor, & sentindose despois movidas a algũa resolução, ou acto particular. Este impulso não se ha de desprezar, ainda que não haja regra

certa,

certa, de que seja espirito de Deos.

32 Perguntase, se he bom espirito o de algũas pessoas, que sãõ faceis de cõpunção, & facilmente chorãõ? Respondo, q̃ não se ha de fazer disto muita estimação, nem crer, que seja espirito de Deos: por quanto pòde proceder de brandura, & fragilidade natural, & de operação diabolica, principal com a experiencia de muitas pessoas, q̃ estãõ em estado de peccado, & querem perseverar nelle: & com tudo isto sãõ faceis de suspiros, & lagrimas, quando ouvem fallar em algũa cousa santa, & de espirito; mas quando o natural não he tão brando, & pouco choroso, & ao despois de muitos exercicios de mortificação, & oração, succede facilidade na compunção, & lagrimas; piamente podemos crer, & prudentemente julgar, que este espirito he de Deos. Desta doutrina se pode tirar a resposta pera aquelles q̃ sãõ duros pera as lagrimas, & difficulosamente se enternecem, ou sentem compunção; os quaes nem por isso hãõ de crer, q̃ não sãõ

Escola de Oração.

saõ guiados por bom espirito, em quanto elles com a parte superior fazem verdadeiras, & fantas resoluções de servirem, & amarem a sua Divina Magestade.

33 Perguntase, se he bõ espirito, quando húa alma que atende a oração recebe algúas vezes certos gostos espirituaes na parte inferior, & se seguem dahi algúas immundices? Respondo, que se a pessoa que padece estas cousas he verdadeiro servo de Deos N. Senhor por outros respeitos, & recebe pena, & o desgosta muito aquella impuridade né por isso se ha de atribular, nem imaginar, que he illuso. Por quanto se sabe por experiencia, q̄ pessoas, de cuja bondade se não pôde prudentemente duvidar, tem estas cousas entre as meditações santas, & puras: có tudo isso quando húa pessoa se sente molestada, & affligida com esta afflicção, & outras semelhantes cõmuniqueas com pessoas doutras, & espirituaes, porque se considerem as circũstancias, & se proceda com cautela,

tela, porque proceder sem conselho em materias de espirito particularmente; he dar lugar a que o maligno espirito se entremeta.

As pessoas que padecem semelhante tribulaçãõ se lhes ha de prohibir absolutamente toda a meditaçãõ daquellas cousas, nas quaes se segue o dito inconveniente, se não ha de considerar o bem espiritual, que tiraõ, & comparalo com o dano, que pôde fazer a prohibiçãõ, fazendo experiencia daquillo, que mais conveniente he: Advirtindo, que muitas vezes convem desprezar, & não fazer caso das taes cousas. Esta doutrina he de Santo Thomas, & commua dos Theologos, que não se hão de prohibir as boas obras como o confessar, & estudar, &c. por algũas immundicias accidentaes, & involutarias, que muitas vezes succedem.

34 Perguntase, se he bõ espirito quando hũa pessoa he gravemente tentada, & procurando resistir varonilmente lhe succede algũas immundicias, não somẽ-

Escola de Oração.

te quando dorme, se não também estando desperto? Respondo, que piedosamente se pode julgar, que o espirito governa bem as taes pessoas, pois que constantemente resistem. De mais de que ha experiencia de muitas pessoas, que passão semelhantes trabalhos, sendo as taes pessoas de conhecida virtude. Com tudo isso as taes pessoas se não hão de fiar de si, se não communicar com pessoas doutas, & espirituas.

35 Perguntase, se he bõ espirito quando algũa pessoa pia, & de virtude solida he gravemente tentada do espirito de blasfemia, & ainda que he verdade que resiste com tudo isso algũas vezes promette em palayras duras, com a grandeza da afflicção, em q se ve? Respondo, que semelhantes pessoas se não hão de atribular, crendo, que vão guiadas do espirito maligno, porque ainda que delle sejão perseguidos, em quanto resistẽtem muita rezão pera julgarem, que são guiadas pello espirito do Senhor; & se sabe por experiẽcia de pessoas dotadas de

de estremada virtude, & santidade, que se vem afligidas por muitas vezes com o espirito de blasfemia. Nem se ha de julgar o contrario por aquellas palavras duras nas quaes por algũas vezes prompsem, porq̃ ou não são palavras delibberadas, ou tem algum sentido toleravel, conforme a gravissima afflicção daquelles que as dizem.

36 Perguntase, se he bõ espirito quando hũa pessoa, que de veras trata de servir a Deos nosso Senhor sente hũa grande averião, ou contradicção não somente às cousas santas, mas ainda do mesmo Deos? Respondo, que quando esta pessoa persevera em servir a nosso Senhor, ainda que sinta aquella grande averião, & sensivel odio, se pôde, & deve julgar prudentemente, que vai governada por bom espirito, porq̃ se assi não fora não duraria naquelle santo serviço com tão grande repugnancia da parte inferior. Alem de q̃ se sabe de pessoas mui santas que nesta parte padecem grandes trabalhos.

37 Perguntase, se quando húa pessoa ha tido familiaridade com o demonio, & ao despois q se ha convertido a Deos nosso Senhor sente na parte inferior cõ grande vehemencia as mesmas paixões; & movimentos desordenados, que antes sentia; se se ha de crer que seja guiada esta alma de bom espirito? Respondo, que se esta pessoa peleja yaronilmẽte, ha se de crer, que he guiada por bom espirito, & com elle vence ao mau espirito, nem ha de desmayar pellas cousas horriveis, que em si sente, ou junto de si ouve, porque dessa sorte se vai purgando essa alma das immundicias passadas, como se sabe por experiencia de muitas almas, que por estes caminhos alcançãrão do Senhor muitas misericordias.

38 Perguntase, como se ha de examinar o espirito? Respondo, que se haõ de advirtir as cousas seguintes. 1. Considerar bem o natural; se he melencolico, vehemente, inquieto, curioso, duro de renderse, & outras cousas semelhantes. 2. Considerar os costumes passados, &

os presentes, se a pessoa he humilde, obediente, mortificada, casta, modesta, calada, & que não deseje cousas espirituas extraordinarias. 3. Considerar as cousas que ouve, se são verdadeiras, castas, pias, necessarias, ou proveitosas pera fins espirituas. 4. Considere se são conformes às Escrituras, & doutrina dos Santos. 5. Considerar, se fazem bõs effeitos de mayor humildade, mortificação, desejo de Deos N. Senhor, &c. Estes são os principaes pontos conforme os quaes, se com bom, & diligente exame se achar boa disposição moral, & natural, inspiraçoões, visões pias verdadeiras, puras, uteis, & conformes à Escritura Sagrada, doutrina & exemplos dos Santos cõ mayores effeitos de mayor bondade, & perfeição divide se pode, & deve julgar bem, & ao contrario se pode julgar mal. Advirtindo àcerca do primeiro ponto donde se tocão as imperfeiçãoes naturaes de melencolia, inquietação, &c. que o espirito de Deos costuma emmendar aquellas imperfei-

Escola de Oração.

ções com segurança, & misericórdia, como claramente se sabe pella doutrina dos Theologos, & experiencia de muitos Santos.

(:!)

F I M.

Per a gloria, & honra de Deos nosso Senhor, & da Virgem Maria sua Mãe.



INDEX

DOS TRATADOS QUE se contem neste presen- te liuro.



- T**ratado 1. Da sagrada reforma de nossa
 Senhora do Carmo dos descalços, fins,
 & partes della, & das obrigações de
 seu estado, donde este liuro sahio, fol. 1.
- Tratado 2. Da oração, fol. 8.
- Tratado 3. Da presença de Deos, fol. 53.
- Tratado 4. Das tentações, fol. 64. vers.
- Tratado 5. Das paixões, fol. 76. vers.
- Tratado 6. Das virtudes, fol. 104. vers.
- Tratado 7. Dos tres estados, ou graos convem a sa-
 ber dos que começam, aproveitão, & são perfei-
 tos, fol. 130.
- Tratado 8. Da vida activa, & contemplativa em
 a qual se declara que cousa seja contemplaçam,
 fol. 141.
- Tratado 9. Dos dons, & fruitos do Espirito Santo;
 & das Bemaventuranças, fol. 150.
- Tratado 10. Das graças gratis datas, fol. 159. v.
- Tratado 11. Dos raptos, visões, & revelações,
 fol. 162. vers.
- Tratado 12. Da theologia mystica, fol. 168. vers.
- Tratado 13. Da discrição dos espiritos, fol. 176. v.

INDEX

A estes tratados pareceo conveniente para mais clareza desta obra fazerle Alfabeto de cada hum em particular, & suposto caula trabalho, guarnece a obra.

TRATADO SEGVNDO.

Da oração.

- | | | |
|-----|--|-----------|
| 1. | Q ue cousa he oração, fol. | 8. |
| 2. | As partes da oração são seis, fol. | 8. vers. |
| 3. | Que exercicios ha de ter a lição, fol. | 9. |
| 4. | Como ha de ser a meditação, | ib. |
| 5. | Como se ha de dar graças, fol. | 9. vers. |
| 6. | Em que consiste o offercimento, | ib. |
| 7. | Em que consiste a petição, | ib. |
| 8. | A rezão porque hão de ser seis partes, fol. | 10. |
| 9. | Breue exemplo da oração, fol. | 11. |
| 10. | Preparação. | ib. |
| 11. | Meditação, fol. | 12. |
| 12. | Agradecimento, fol. | 13. vers. |
| 13. | Offercimento, | ib. |
| 14. | Petição, fol. | 14. |
| 15. | Das partes da oração em commum, | ib. |
| 16. | Duvida. 1. Se ha outras partes mais das sobreditas, | ib. |
| 17. | Du. 2. Se he necessario fazer todas estas partes, fol. | 14. vers. |
| 18. | Du. 3. Se he sempre necessaria a ordem que se propoz. | |

INDEX

- 15.
- propoz aqui, fol.
19. Du. 4. Da preparação, se se ha de preparar antes de ir pera o oratorio, fol. 15. vers.
- Da Meditação.
20. Du. 5. Que cousa he meditação.
- Da pretença de Deos, fol. 17.
21. Du. 6. Que cousa he presença de Deos, ib.
22. Du. 7. Como se poderá acomodar a presença de Deos na oração, fol. 17. vers.
23. Du. 8. Se se ha de formar algũa imagem pera meditar, fol. 18. vers.
24. Du. 9. Que fará o que não pode formar imagens; senão imperfeitamente, ib.
25. Du. 10. Que modo haverá pera meditar na paixão de Christo, fol. 19.
26. Du. 11. Se os que facilmente figurão imagẽs, & lhes parece que as vem, que farão, ib.
27. Du. 12. Se as imagẽs se hão de formar junto, longe, ou dentro de si, fol. 20.
28. Du. 13. Se convem algũas vezes parar em ver a imagem formada, fol. 20. vers.
- Da monção dos affectos.
29. Du. 14. Quando a alma se sente mover mais efficaçmente d'outros pōtos, se ha de parar, ou não, fol. 21.
30. Du. 15. Que ha de fazer hũa alma quando ve, que a meditação lhe não move a vontade, fol. 21. vers.

INDEX

31. Du. 16. Que ha de fazer hũa alma quando a meditação subita move o affecto, mas afrouxa logo, fol. 22. vers.
32. Du. 17. Que ha de fazer a alma quando com a força da meditaçam se inflamma muito o affecto, fol. 23. vers.
33. Du. 18. Que fará a alma quando o affecto se não move, ib.
34. Du. 19. Quando a vontade está movida se ha de discorrer mais, fol. 24.
35. Du. 20. Que fará quando o affecto se move só pera Deos, fol. 24. vers.
36. Du. 21. Que fará o que medita dous, ou tres pontos, & não sente movida a vontade. ib.
37. Du. 22. Que se fará quando a vontade se move ao desejo d'algũa virtude, fol. 25. vers.
38. Du. 23. Se oonvem no discurso da meditação do Sen bor deterse, ib.
39. Du. 24. Como se haõ de acomodar os affectos de humildade ao mysterio da paixãõ na lança-da do lado, fol. 26. vers.
40. Du. 25. Se he a oraçaõ mais proveitosa pera os atribulados meteremse no coraçãõ chagado do Senbor, fol. 27.
41. Du. 26. Se quando senãõ acha gosto em outros objectos se naõ no da gloria que se ha de fazer, fol. 27. vers.
42. Du. 27. Se o que medita nas penas [infernaes pode

INDEX

- pode entremeter a meditação da gloria, fol. 28.
43. Du. 28. Se pera todos he conveniente aquelle modo de oração, que alguns ensinão de meditar simplesmente, ib.
44. Du. 29. Hũa pessoa que custuma meditar os beneficios divinos, se ha de continuar até chegar à contemplação, ou ha de seguir outro modo, fol. 29.
45. Du. 30. O que se sente levar de algum affecto diferente do que ha lido, que fará, fol. 29. v.
46. Du. 31. Se no discurso da meditação fóra daquellas materias poderá o homem buscar outros discursos, fol. 30. vers.
47. D. 32. Se he necessario pera tirar bons affectos uzar daquella arte de considerar as circunstancias, ib.
48. Du. 33. Que modo de meditar a paixão do Senhor será mais proveitoso, fol. 31.
49. Du. 34. Como se haõ de dilatar, & exercitar mais os affectos na oração, fol. 32.
50. Du. 35. Que modo he perfeito pera conservar, & pôr em execução os bons affectos: ib.
51. Du. 36. Que fará aquelle que na oração mendiga actos de virtudes, & tira pouco fructo, fol. 32. vers.
52. Du. 37. Que fará aquelle que com pouca força que a vontade recebe senão determina a fa-

INDEX

- Ser proposito das virtudes cuidando as não
guardarà, fol. 33. vers.
53. Du. 38. Se convem notar os sentimentos, & movimentos da vontade, que na oração succede, ib.
54. Du. 39. Que materia se ha de meditar regularmente, fol. 34.
55. Du. 40. Que remedio quando as meditações ordinarias lidas, & continuas causão fastio, & pouco fructo, fol. 34. vers.
56. Du. 41. Se se ha de meditar fallando sempre com Deos por segunda pessoa, ib.
57. Du. 42. Se he provada a oração abundante de conceitos, fol. 35.
58. Du. 43. Se na meditação se podem juntar orações vocaes, ib.
- Das lecuras.
59. Du. 44. Que fará hũa alma que ao principio da meditação padece muito em recolher-se, fol. 35. vers.
60. Du. 45. Que fará o que na oração sente grande trabalho, fol. 36.
61. Du. 46. Que fará as pessoas que na oração padecem tentações deshonestas, fol. 37.
62. Du. 47. Se a oração fora da communidade he boa, fol. 37. vers.
63. Du. 48. Que fará o que sente fraqueza na cabeça quando medita, fol. 38.
64. Du.

INDEX

64. Du. 49. Que fará o que na oração nam tem
 causa q̄ a mova, senão tudo securas, fol. 38. v.
65. Du. 50. Que fará o que em muitos annos fre-
 quenta a oração, & tudo he segura, fol. 41.
- Dos gostos.
66. Du. 51. Que causa he de oração, fol. 42.
67. Du. 52. Se se ha de desejar consolação na o-
 ração, ib.
68. Du. 53. Se os gostos interiores sam todos de
 hũa maneira, fol. 47. vers.
69. Du. 54. Que gostos são melhores na ora-
 ção, fol. 44. vers.
70. Du. 55. Se quando se sentem gostos na oração
 se se ha de estimar ou despresar, ib.
71. Du. 56. Se quando sentem gostos espirituaes se
 ham de continuar, fol. 45.
72. Du. 57. Que se ha de fazer quando ha gostos, q̄
 parecem seguros, & visões que parecem de
 Deos, fol. 45. vers.
73. Du. 58. Que fará o Padre espirital com al-
 mas que tem visões, ou revelações, fol. 46.
- Das partes affectivas.
74. Du. 59. Se as graças offercimento, & peti-
 ção se podem deixar quando nellas ha difi-
 culdade, fol. 46. vers.
75. Du. 60. Como se pode apropriar algũas partes
 da oração em algũas materias particula-
 res, fol. 42.

Da

INDEX

- Da oração em commum, & luas circum-
stancias.
76. Du. 61. Se se ha de advertir algũa cousa quã-
to ao lugar, & tempo da oraçam, fol. 48.
77. Du. 62. Se na oraçam se ha de estar com a-
tençam grande, ib.
78. Du. 63. Se se ha de pôr cuidado em compor o
corpo na oraçam, fol. 48. vers.
79. Du. 64. Se será conveniente estar na oraçam
com olhos fecha dos, ou abertos, fol. 49.
80. Du. 65. Que fará hũa alma quando sente que
o corpo tem sono na oraçam, fol. 49. vers.
81. Du. 66. Que fará o que ora, & ve que passou
o tempo sem prozeito, fol. 50.
82. Du. 67. Como se ha de pedir na ora-
çam, fol. 50. vers.
83. Du. 68. Que condiçoens são as que se requerem
pera a efficacia da oraçam, fol. 51.
84. Du. 69. Quaes são os efeitos da oraçam, ib.
85. Du. 70. Quaes são os sinaes de aproveitar na
oraçam, fol. 51. vers.
86. Du. 71. Que causa ha pera que tratando mui-
tos da oração tão poucos são perfeitos nella, ib.
87. Du. 72. Se ha de ser a oraçam larga, fol. 52.
88. Du. 73. Que farão os que por diversas occu-
paçoens tem impedidas as horas da oraçam
que costumauam, ib.
89. Du. 74. Como se poderá ensinar a oraçam a
pessoas

INDEX

peſſoas idiotas, fol. 52. vers.

Tem eſte tratado 89. numeros,

& 74. duvidas.

TRATADO TERCEIRO.

Da preſença de Deos.

1. **P**erguntase, que couſa he preſença de Deos, fol. 53.
2. Perg. quantas maneiras ha de preſença de Deos, fol. 53. vers.
3. Advertencias pera os temidos, fol. 54. vers.
4. Os ſervos de Deos ſe alentam junto ao Santissimo Sacramento, fol. 54. vers.
5. O que convem a preſença intellectual de Deos, fol. 55.
6. Perg. ſe ha diversos modos de preſença de Deos, pertence eſte §. ao 3. fol. 56.
Perg. ſe ſe pode dar preſença intellectual de alguns objectos corporaes, pertence ao §. 4. fol. 56. v.
7. Perg. ſe ſe pode dar preſença de Deos imaginaria de objectos intellectuaes, pertence ao §. 5. f. 57. v.
8. Perg. ſe as maneiras ſobreditas de preſença de Deos ſe reduzem a outros exercicios, fol. 58.
9. Perg. qual he melhor a preſença intellectual, ou a imaginaria, fol. 58. vers.
10. Que ſe ha de fazer pera formar boa eleição da preſença de Deos, fol. 59.
11. Perg. ſe deſpois de feita a eleição da preſença ima-

INDEX

- Imaginaria se pode eleger a intellectual, fol. 59. vers.
10. Perg. se he conveniente exercitar a presenca de Deos que de manhã se tomou, fol. 60.
11. Perg. como se ha de unir a presenca de Deos com a virtude escolhida pera a semana, ou mez, fol. 60. vers.
12. Se se ha de falar em segunda pessoa com o Senhor no exercicio de sua divina presenca, fol. 61. vers.
13. Se ha de haver intensa applicaçam da alma entre dia, no dito exercicio, ib.
14. Perg. se se ha de aplicar a presenca de Deos hum que anda em negocios com os proximos, fol. 62.
15. Perg. como ham de ver as creaturas espiritualmente pera moverem a presenca de Deos, fol. 63.
16. Perg. de quanta importancia he o exercicio da presenca de Deos, fol. 64.

Tem este tratado 16. perguntas com repostas.

TRATADO QVARTO.

Das tentaçoes.

1. **E** Sta materia he copiosa, fol. 64. vers.
2. **E** Supoem se que o homem pode ser tentado em toda a maneira de peccado contra todas

INDEX

as virtudes, *ib.*

3. *Suponho os remedios communs pera todas as tentações, fol.* 65.
4. *Deixando suposições direi as mais graves tentações, que se offerecem, fol.* 66.
5. *O que se ha de advirtir quanto às tentações da Fe.* *ib.*
6. *Os remedios particulares desta tentação. fol.* 67
Tentações deshonestas.
7. *O que se ha de advirtir acerca das tentações deshonestas, fol.* 68.
8. *Ha-se de notar que esta batalha he grave, & de muitas maneiras, fol.* 68. vers.
9. *Os remedios particulares desta tentação, fol.* 69
Tentações de blasfemia.
10. *Ha-se de considerar a furiosa operação do Demonio nesta materia, fol.* 70. vers.
11. *Os remedios particulares desta tentação, fol.* 71.
Tentações de escrupulos.
12. *Estas tentações escrupulosas atormentam muito aos justos, fol.* 72.
13. *Remedios particulares desta tentação alem dos communs, fol.* 72. vers.
14. *Acerca da tentação de desesperação, que muitas vezes procede dos muitos peccados, fol.* 74. vers.
15. *Remedios particulares desta tentação, fol.* 75.

INDEX

Tentaçam de odio contra Deos.

16. De como aflagra aos servos de Deos esta tenta-
çam, fol. 75. vers.

Tem este tratado 16. propostas.

TRATADO QUINTO.

Das paixoens.

1. **Q**ue cousa he paixam, fol. 76. vers.
2. Perg. que cousa he appetite sensitivo, ib.
3. Perg. qual he o appetite inferior do homem
fol. 77.
4. Perg. qual he o officio da concupiscivel, & iras-
civel, fol. 77. vers.
5. Perg. quantas são as paixoens, fol. 78.
6. Perg. que bem, ou mal he aquelle, que olha o a-
ppetite sensitivo, fol. 78. vers.
7. Qual he a ordem, que tem as paixoens com a pri-
meira que he o amor, fol. 79.
8. P. se as paixoens são actos bons, ou maos, f. 79. v.
9. Perg. se as paixoens obedecem à rezam, ib.
10. Perg. se as paixoens chegam a privar do uzo
da rezam, fol. 80.
11. Que cousa seja amor mais distintamente,
fol. 80. vers.
12. Quaes são as cousas principaes do amor, fol. 81.
13. Quaes são os effectos do amor, fol. 81. vers.
14. Perg. se a paixam do amor, & seus effectos es-
tam na ventade, fol. 82.
15. Perg. quaes sam os remedios contra o amor de-
ser de-

INDEX

- ib.*
16. Perg. *que cousa he odio, fol.* 82.
17. Perg. *quantas maneiras ha de odio,* *ib.*
18. Perg. *quaes saõ as causas do odio, fol.* 83. *vers.*
19. Perg. *quaes saõ os effeitos do odio,* *ib.*
20. Perg. *quaes sam os remedios contra o odio,* *ib.*
21. P. *q̃ cousa he paixãõ de cõcupiscencia, f.* 84. *v.*
22. P. *quãtas maneiras ha de concupiscencia, f.* 85.
23. Perg. *se as concupiscencias sam finitas, ou infi-*
nitas, fol. 85. *vers.*
24. Perg. *quaes sam as causas da concupiscencia, ib.*
25. P. *quaes saõ os remedios da cõcupiscencia, f.* 86.
26. Perg. *que cousa he fuga,* *ib.*
27. Perg. *quaes sam as causas, & remedios da fu-*
ga, fol. 86. *vers.*
28. Perg. *que cousa he deleitaçã, fol.* 87.
29. Perg. *quaes sam as causas da deleitaçã, ib.*
30. Perg. *quaes saõ os effeitos da deleitaçã, f.* 87. *v.*
31. P. *quaes saõ os remedios da deleitaçã, f.* 88. *v.*
32. Perg. *que cousa he dor, ou tristeza, fol.* 89.
33. Perg. *quantas maneiras ha de dor, fol.* 89. *vers.*
34. Perg. *quaes saõ as causas da dor, fol.* 90.
35. Perg. *quaes saõ os effeitos da desordenada tris-*
teza, fol. 90. *vers.*
36. P. *quaes saõ os remedios da tristeza, fol.* 91. *v.*
Das paixoens da irascivel.
37. Perg. *que cousa he esperançã, fol.* 92. *vers.*
38. Perg. *quaes saõ as causas da esperançã, fol.* 93.
39. Perg.

INDEX

39. Perg. quaes são os efeitos da esperança, f. 93. v.
40. Perg. quaes são os remedios da desordenada esperança, *ib.*
41. Perg. que cousa he desesperaçam, fol. 94.
42. Perg. quaes sejam as cousas da desesperaçam, fol. 94. vers.
43. Perg. quaes são os efeitos da desesperaçam, fol. 95.
44. Perg. quaes são os remedios da desesperaçam, *ib.*
45. Perg. que cousa he valor, ou ousadia, fol. 96.
46. Perg. quaes são as causas do valor, ou ousadia, *ib.*
47. Perg. quaes são os efeitos da ousadia, ou valor, fol. 96. vers.
48. Perg. quaes são os remedios da ousadia desordenada, fol. 97.
49. Perg. que cousa he temor, fol. 97. vers.
50. Perg. quantas especies ha de temor, fol. 98.
51. Perg. quaes são as causas do temor, fol. 98. vers.
52. Perg. quaes são os efeitos do temor, fol. 99.
53. Perg. quaes são os remedios contra o desordenado temor, fol. 100.
54. Perg. que cousa he ira, fol. 100.
55. Perg. quantas maneiras ha de ira, fol. 101.
56. Perg. quaes são as causas da ira, *ib.*
57. Perg. quaes são os efeitos da ira, fol. 101. v.
58. Perg. quaes são os remedios da ira, fol. 102.

Tem este tratado 58. perguntas.

TRA-

INDEX
TRATADO SEXTO.

Das virtudes.

1. **Q**ue cousa he virtude, fol. 104. vers.
2. **A** virtude divide-se em intellectual, & moral, ib.
3. Quantas são as virtudes intellectuaes, fol. 105.
4. Distingam das virtudes moraes, fol. 106.
5. Acerca das payxoens ha dez maneiras de virtudes, fol. 106. v.
6. Da liberalidade, & magnificencia, fol. 107. v.
7. Sam quatro as virtudes que respeitam o bem moral, fol. 108.
8. Estas se chamam exemplares, fol. 108. vers.
9. As virtudes moraes são adquiridas, fol. 109.
10. As virtudes moraes infusas se recebem com a graça, & perdem pella culpa, fol. 110.
11. Trata-se das virtudes moraes adquiridas, fol. 110. vers.
12. O officio da prudencia, fol. 111.
13. As partes integraes da prudencia, fol. 111. v.
14. As partes sugitivas, ou especies de prudencia, fol. 112.
15. As partes potenciaes da prudencia, ib.
16. A prudencia não está formalmente nos subditos, fol. 112. vers.
17. A prudencia como se ganha ou se perde, fol. 113.
18. A segunda virtude das cardeaes he a justiça, fol. 113. vers.

INDEX

- | | |
|--|------------|
| 19. Ha muitas virtudes, que se chamaõ potencias, fol. | 114. |
| 20. Entre as virtudes da Religião a primeira, he observancia, fol. | 115. |
| 21. Trata-se por ordem de algũas partes potencias da justiça, ib. | ib. |
| 22. Que cousa he Religiam, fol. | 115. vers. |
| 23. Da honra, & reverencia que esta virtude a Deos dà, ib. | ib. |
| 24. Os actos desta virtude se dividem em duas ordens, fol. | 116. |
| 25. Devoçam he acto de Religiam, fol. | 117. |
| 26. As causas da devoçam, fol. | 117. vers. |
| 27. O principal effeito da devoçam, fol. | 118. |
| 28. A oraçam he acto de Religiam, ib. | ib. |
| 29. As condiçoens requisitas pera a efficacia da oraçam, fol. | 118. vers. |
| 30. A virtude da Religiam se segue a piedade, fol. | 119. |
| 31. Este nome piedade, significa toda a virtude, ib. | ib. |
| 32. Desta virtude nam ha mais que dizer, fol. | 119. vers. |
| 33. Da virtude da observancia, ib. | ib. |
| 34. Da virtude chamada dolia, fol. | 120. |
| 35. Da obediencia, fol. | 120. vers. |
| 36. Do agradecimento, fol. | 121. |
| 37. Advir- | |

INDEX

37. Advirtase nestas quatro ultimas virtudes,
fol. 121. vers.
38. Segueje a virtude da fortaleza, ib.
39. Da fortaleza pera o martyrio, fol. 122.
40. A fortaleza nam contem em si diferentes, espe-
cies, fol. 122. vers.
41. Da fiducia, ou confianca, que he virtude que
apreseiçoa a alma, ib.
42. A fortaleza tem partes integraes, fol. 123. v.
43. A temperança he virtude cardeal, fol. 124.
44. A temperança contem em si algũas virtu-
des, ib.
45. A temperança tem quatro partes, fol. 124. v.
46. As partes potenciaes da temperança, fol. 125. v.
47. Que cousa he contenencia, ib.
48. Da mancidam, fol. 126.
49. Da clemencia, ib.
50. Da modestia, fol. 126. vers.
51. Da humildade, fol. 127.
52. A estudiosidade he virtude que modera o dese-
jo de saber, fol. 127. vers.
53. A eutrapelia he virtude que guarda o modo, e
temperança nos jogos, ib.
54. A parcimonia he virtude que refrea os gostos,
fol. 128.
55. Das virtudes theologaes, ib.
56. Que cousa he esperança, fol. 128. vers.
- Cc4
57. Que

INDEX

57. *Que cousa he caridade, fol.* 129.
 58. *Nestas virtudes advirtase o que se segue*
fol. 129. *vers.*
 Tem este tratado 58. numeros.

TRATADO SEPTIMO.

Dos tres estados, ou graos a saber dos que co-
 meçam, dos que aproveitam, & dos per-
 feitos, fol. 130.

1. **D** *V*ida 1. *Se he boa a divisam dos tres*
estados, *ib.*
2. *Du. 2. Se a estes tres graos de amor cor-*
respondem as tres vias, fol. 130. *vers.*
3. *Du. 3. Se aos mesmos tres graos respondem dis-*
tintos exercicios, fol. 131.
4. *Du. 4. Acerca das tres vias perguntase se sam*
tres, ou hum só caminho, fol. 132.
5. *Du. 5. Como pode ser hum caminho só que dife-*
re nos exercicios, fol. 133.
6. *Du. 6. Porque nos tres estados se acha que apro-*
veitam os do segundo, fol. 133. *vers.*
7. *Du. 7. Se se pode permitir aos principiantes*
exercicios de perfeitos, fol. 134.
8. *Du. 8. Se pode hum principiante ter mais alta*
charidade, que o que aproveita, fol. 135. *v.*
9. *Du. 9. Se pode passar hum homem immediata-*
mente do estado peccaminoso à via unitiva,
fol. 136.
10. *Du.*

INDEX

10. Du. 10. *Se ha nestes tres graos diuersas conso-
laçoens, fol. 136. vers.*
11. Du. 11. *Se ha nos tres graos diferentes illustra-
çoens, fol. 137.*
12. Du. 12. *Como se conhece os que aproveitam,
fol. 138.*
13. Du. 12. *Se nesta conjectura pode haver enga-
no, fol. 139.*
14. Du. 14. *Se os perfeitos ham de lançar de si as
imagens corporeas, fol. 140.*
15. Du. 15. *Se os perfeitos alcançam estarem ao
estado da perfeiçam, ib.*
16. Du. 16. *Qual he o caminho mais breue pera a
perfeiçam, fol. 140. vers.*

Tem este tratado 16. duvidas.

TRATADO OVTAVO.

Da vida activa, & contemplativa, declarete
que cousa he contemplaçam, fol. 141.

1. **D**E como tratam os Santos destas vias, *ib.*
2. Du. 1. *Que actos pertence a vida activa,
fol. 141. vers.*
3. Du. 2. *Se esta vida activa se acharà no estado
da gloria, fol. 142.*
4. Du. 2. *Que actos pertencem à contemplativa,
fol. 142. vers.*
5. Du. 4. *Se a vida contemlativa està no enten-
dimento, fol. ib.*

INDEX

6. Du. 5. Se a vida contemplativa dura sempre,
fol. 143.
7. Du. 6. Que cousa he contemplaçam, fol. 143. v.
8. Du. 7. Qual he a contemplaçam divina, f. 144.
9. Du. 8. Que dom he o da sabedoria, fol. 145. v.
10. Du. 9. Que excellente he a noticia da sabedoria
fol. 146.
11. Du. 10. Se he esta noticia delectavel,
fol. 146. vers.
12. Du. 11. Que effeitos faz a contemplaçam nas
almas, ib.
13. Du. 12. Que quer dizer que todos os que estão
em graça tem o dom de sabedoria, fol. 147.
14. Du. 13. Qual he o caminho ordinario pera a
contemplaçam, fol. 147. vers.
15. Du. 14. Se ha diferentes modos de contempla-
çam, fol. 148. vers.
16. Du. 15. Se custuma a contemplaçam dilatar-
se muito tempo, fol. 148. vers.
17. Du. 16. Qual he a vida mais meritoria acti-
va, ou contemplativa, fol. 149.
18. Du. 17. Se a vida solitaria he mais perfeita
que a monastica, fol. 149. vers.

Tem este tratado 18. numeros, & 17.
duvidas.

INDEX

TRATADO NONO.

Dos dons, & frutos do Espirito Santo, & das bemaventuranças, fol. 150.

1. **O**s que ensinam espirito estudem muito nos dons do Espirito Santo, *ib.*
2. Que cousa são os dons do Espirito Santo, *ib.*
3. Os dons nam chegam às virtudes rheologaes, fol. 150. vers.
4. Quantos são os dons do Espirito Santo, fol. 151.
5. O dom do entendimento dà a conhecer as cousas divinas, *ib.*
6. A estes dons se atribuem as maravilhas que os Santos obram, fol. 153.
7. O atras referido he pera os espirituaes, fol. 154. v
8. He necessario esta intelligencia pera as cousas interiores, fol. 155.
9. Dos frutos do Espirito Santo, fol. 155. vers.
10. Nam se offerrece mais nesta materia, fol. 156.
11. Advirtase quanto às bemaventuranças, fol. 156. vers.
12. Em que estado andam os que sam chamados do Senhor bemaventurados, fol. 157.
13. Dase noticia das bemaventuranças, fol. 159.

TRATADO DECIMO.

Das graças gratis datas, fol. 159. vers.

1. **C**omo se deram estas graças, *ib.*
2. Como as explica o Apostolo, fol. 160.

3. A

INDEX

3. A significação, & sustancia destas graças, *ib.*
 4. As graças que seruem pera este fim, fol. 161.
 5. A graça de linguas em que consiste, fol. 161. v.
- Tem este tratado 5. numeros.

TRATADO VNDECIMO.

- Dos raptos, viloens, & revelações, fol. 162. v.
1. **S**upõe se que estas cousas são diferentes em tudo, ou em parte, *ib.*
 2. Dos raptos, veja se este numero, *ib.*
 3. Define rapto, fol. 163.
 4. Rapto nam consiste na vontade, fol. 163. vers.
 5. Que cõusa seja extasi, fol. 164. vers.
 6. Advertencias acerca dos raptos, *ib.*
 7. Advertencias pera os raptos, fol. 165.
 8. Pera arrobamentos advertencias, fol. 165. v.
 9. Advertencias acerca das visões, fol. 166.
 10. Advertencias das visões, & representações, fol. 166. vers.
 11. Das visões intellectuaes, & imaginarias, fol. 167. vers.
 12. Das revelações que nas aparições succedem, *ib.*

Tem este tratado 12. numeros.

TRATADO DVODECIMO.

Da mystica Theologia, fol. 168. vers.

1. **E**xplicação primeira, duvida primeira, *ib.*
2. **Du. 2.** Que cõusa he mystica Theologia, fol. 169.
3. **Du.**

INDEX

3. Du. 3. Que he necessario pera vir em conhecimento desta definiçam, ib.
4. Du. 4. Qual das cousas afima he a Theologia mystica, fol. 171.
5. Du. 5. Theologia quer dizer sciencia de Deos, fol. 172.
6. Du. 6. Se a vontade na Theologia ama a Deos mais do q̄ o entendimento entende, f. 172. v.
7. Du. 7. Como se verifica o sobredito, fol. 173.
8. Du. 8. Porque se attribue à vontade aquelle divino gosto, fol. 173. vers.
9. Du. 9. Em que parte, ou porçam da rezam está o gosto divino, ib.
10. Du. 10. Que cousa he porçam, ou parte superior, fol. 174.
11. Du. 11. Se são verdadeiras aquellas distincções das duas potencias, fol. 175.
12. Du. 12. Se he verdade o que alguns escrevem da mystica Theologia, fol. 175. vers.
13. Du. 13. Se he verdade o que significam os nomes de que os Theologos mysticos uzam, ib.
14. Du. 14. Se convem ler liuros da dita Theologia, fol. 176. vers.

Tem este tratado 14. numeros, & 14.
duvidas.

INDEX

TRATADO DECIMOTERCIO.

Da discriçam dos espiritos, fol. 176. verl.

1. **D** *V*vida 1. Duas cousas significa o nome espirito, *ib.*
2. *S*upoemse a doutrina commua dos Theologos, fol. 177.
3. *S*e os Anjos podem alumiar o entendimento humano, *ib.*
4. *E*m qualquer espirito se ham de notar duas cousas, fol. 177. vers.
5. *N*a differença dos espiritos se ha de fazer hũa divisãõ, fol. 178.
6. *P*erg. qual he o espirito maes seguro, *ib.*
7. *A*dvertencias sobre esta materia, fol. 179.
8. *S*e ha algũas regras pera discernir os espiritos, fol. 179. vers.
9. *Q*ue effeito faz. ao principio a imaginaçam, que he de Deos, fol. 180. vers.
10. *P*erg. *S*e as pessoas espirituas sentem differença entre bom, ou mau espirito, fol. 181.
11. *P*erg. *S*e as inspiraçoens sam breues, *ib.*
12. *P*erg. *S*e eustumam acontecer muitas vezes as inspiraçoens, *ib.*
13. *P*erg. *S*e ha particulares sinaes pera conhecer o espirito, *ib.*

INDEX

- espírito de Deos, ou maligno, ou natural,*
fol. 181.vers.
14. *Se os que dizem que tem uniam actual com Deos tem bom espirito, fol. 183.*
15. *Perg. Se he bom espirito o que todo o tempo passa em regalos espirituaes, fol. 183.vers.*
16. *Perg. Se he bom espirito quando alguem diz, q̃ no trato familiar com Deos obra sem entendimento, nem vontade, fol. 184.*
17. *Perg. Se he bom espirito o daquelle que a seu parecer se ve entre dilicias celestes, fol. 184.vers.*
18. *Perg. se he bom espirito quando hũa alma depois de muito mortificada se ve em gofo, fol. 185.vers.*
19. *Perg. se he bom espirito o que he facil em raptos, ou extasis, ib.*
20. *Se he bom espirito aquelle que algũa vez fõz enganado nas visoens, ou revelaçoens, fol. 186.*
21. *Perg. se he bom espirito o que de repente desfalece, & cabe morvido do interior, fol. 186.vers.*
22. *Se as paixoens podem fazer ao homem extatico, fol. 187.*
23. *Perg. se he bom espirito o que diz conhece o estado interior das proximos, fol. 187.vers.*
24. *Perg.*

INDEX

24. Perg. se he bom espirito o que diz conhece o estado futuro dos proximos, fol. 188.
25. Perg. se he bom espirito o que he molestado com visões diabolicas, fol. 188.vers.
26. Perg. se he bom espirito o que he molestado com actos indecentes, fol. 189.
27. Perg. se he bom espirito quando as apariçoens são em forma de Christo, de nossa Senhora, & dos Santos, ib.
28. Perg. se pode o Demonio aparecer em figura de Christo, de nossa Senhora, & dos Santos, fol. 189.vers.
29. Perg. se he bom espirito o que tem por certo, q as visões, que tem, sam de Deos, fol. 190.
30. Perg. se he bom espirito o que sonha cousas futuras, fol. 191.
31. Perg. se he bõ espirito o que fazendo oraçam por algum negocio cre, que foi revelaçam divina, o que a sua imaginaçam lhe representou, fol. 191.vers.
32. Perg. se he bom espirito o compassivo, & que facilmente chora, fol. 192.
33. Perg. se he bom espirito aquelle que na oraçãõ recebe gostos espirituaes na parte inferior, fol. 192.vers.
34. Perg. se he bom espirito aquelle que resistindo com fortaleza espiritual lhe succede immundicias, fol. 193.
35. Perg.

INDEX

35. Perg. se he bom espirito o que he tentado de blasfemia, fol. 193. vers.
36. Perg. se he bom espirito o que amando a Deos deveras sente adversam ao mesmo Deos, fol. 194.
37. Perg. aquelle que teve com o Demonio amizade, & depois se converteo ao Senhor, & sente paixcoens desordenadas, que ha de fazer, fol. 194. vers.
38. Perg. Como se ha de examinar o espirito, ib.

Tem este tratado 26. perguntas.



1. ... de ...
 2. ... de ...
 3. ... de ...
 4. ... de ...
 5. ... de ...
 6. ... de ...
 7. ... de ...
 8. ... de ...
 9. ... de ...
 10. ... de ...
 11. ... de ...
 12. ... de ...
 13. ... de ...
 14. ... de ...
 15. ... de ...
 16. ... de ...
 17. ... de ...
 18. ... de ...
 19. ... de ...
 20. ... de ...
 21. ... de ...
 22. ... de ...
 23. ... de ...
 24. ... de ...
 25. ... de ...
 26. ... de ...
 27. ... de ...
 28. ... de ...
 29. ... de ...
 30. ... de ...
 31. ... de ...
 32. ... de ...
 33. ... de ...
 34. ... de ...
 35. ... de ...
 36. ... de ...
 37. ... de ...
 38. ... de ...
 39. ... de ...
 40. ... de ...
 41. ... de ...
 42. ... de ...
 43. ... de ...
 44. ... de ...
 45. ... de ...
 46. ... de ...
 47. ... de ...
 48. ... de ...
 49. ... de ...
 50. ... de ...



LICENC, AS.

O P. M. Fr. Ioam do Spirito Santo qualificador do Santo Officio, veja esta tradução, & informe com seu parecer. Lisboa 5. de Outubro de 677.

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel.

Frey Valerio de São Raymundo.

V I a tradução do livro intitulado Escola de Oraçam, & contemplação, feita pello Padre Balthazar Guedes Reytor do Collegio de Nossa Senhora da Graça da Cidade do Porto, & achei estar coerente, & conforme a tudo o que no dito livro se contem, porque suposto o Padre acrescentasse algũas palavras ~~nam~~ mudam o sentido, antes se expli-

LICENC, AS.

explicam melhor as Castelhanas. São Francisco de Lisboa de Dezembro 11. de 677.

Fr. Ioam do Spirito Santo.

Vista a informaçam podese imprimir o livro intitulado Escola de Oração Autor Fr. João de Iesus Maria, traduzido da lingua Castelhana à Portugueza pello Padre Balthezar Guedes, & impresso tornarà pera se conferir, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrà. Lisboa 17. de Dezembro de 677.

Manoel de Magalhães de Menezes.

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel.

Frey Valerio de São Raymundo.


LICENC, AS.

PODESE imprimir. Lisboa 17.
de Janeiro de 1678.

Fr. Bispo C.

PODESE imprimir vistas as licen-
ças do Santo Officio, &ordi-
nario, & depois de impresso torna-
rà a esta Mesa pera se conferir, &
taixar, & sem isso não correrà. Lis-
boa 24. de Janeiro de 1678.

*M. P. Mag. de Men. D. Basto.
Mouzinho.*



LICENC, AS.

Visto estar conforme cõ seu original, pode correr. Lisboa 19, de Agosto de 1678.

Manoel de Magalhaës de Menezes,

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel.

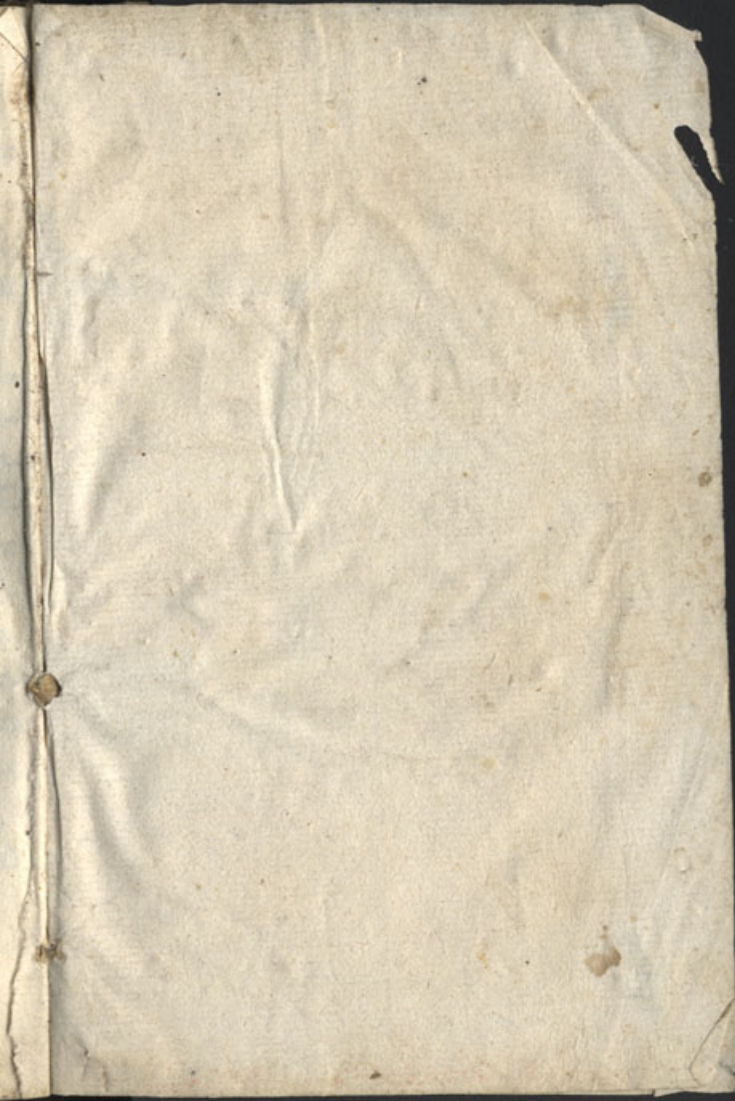
Frey Valerio de São Raymundo.

T Aixão este livro em cento & reis em papel. Lisboa 22. de Agosto de 1678.

M. P. Mag. de Men. D. Basto.

Mouzinho.





1779

... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..

... ..
... ..





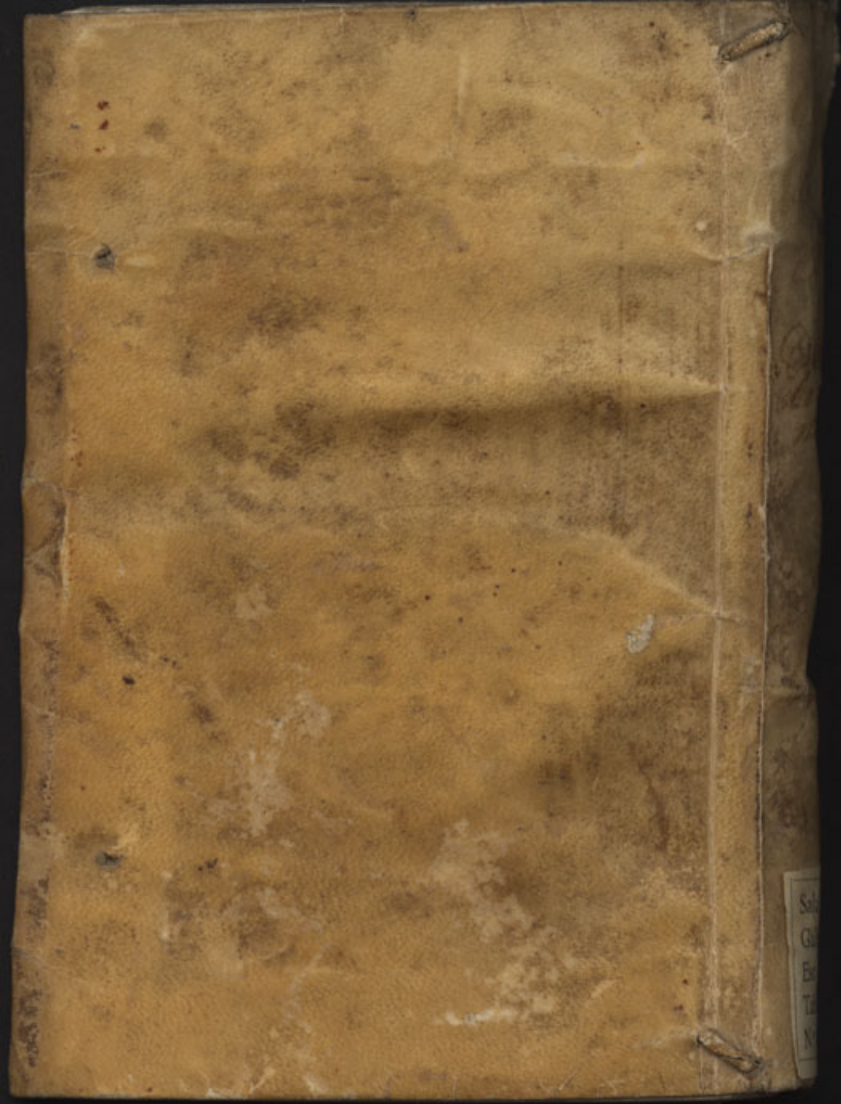
1944
M. G. M. C.

[Faded rectangular stamp or label]

[Faded rectangular stamp or label]

Handwritten text in a cursive script, likely a letter or document, written on a piece of paper pasted onto a larger, aged, yellowish-brown page. The text is faint and difficult to decipher due to fading and bleed-through from the reverse side. The visible words appear to be:

My dear Mother
I received your letter
of the 17th and was
glad to hear from
you and to hear
that you were well.
I am well and hope
this finds you the same.



*Asola
bona
marta*

Sala R

Gab.

Est.

Tab. 4

N.º 14